



LIMA VAZ E O NOETON ONTOLÓGICO DE PLATÃO *

Lima Vaz and Plato's ontological noeton

Savio Gonçalves dos Santos **

Gabriele Cornelli ***

Resumo: O presente artigo se propõe resgatar a leitura de Platão desenvolvida pelo filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz. A releitura da filosofia de Platão é pensada por Vaz como feito primordial e, ao mesmo tempo, como caminho que possibilita a afirmação do Ser em sua manifestação no mundo sensível e inteligível; Ser, que é Ideia, absoluto de inteligibilidade (*to noeton*), expressa no *logos* que se desenvolve numa dialética lógico-ontológica. Rememorar a metafísica, recolocando a filosofia como caminho para o *dar razão*, possibilita o resgate do *esse* a partir do dinamismo ontológico, reorientado ao Absoluto do ser. Assim, o *noeton* ontológico de Platão se desenvolve na própria afirmação do Ser que é. Isso possibilita, de maneira direta, a construção de uma resposta para a tentativa da ciência em contrapor aos questionamentos *metafísicos*, utilizando-se dos métodos científicos, que acaba por levar ao surgimento do *niilismo*, e a negação da própria metafísica. Para se alcançar tal objetivo, o presente trabalho faz uso das principais obras de Lima Vaz no que tange ao pensamento platônico, promovendo uma revisão cuidadosas das expressões e definições utilizadas. Tal análise possibilitou a demonstração e o reconhecimento da metafísica platônica, mas principalmente a expressão de sua busca: uma ontologia do ser em relação ao inteligível.

Palavras-chave: Platão. *Noeton*. *Noesis*. Ontologia.

Abstract: This article aims to revalue the reading of Plato developed by the Brazilian philosopher Henrique Cláudio de Lima Vaz. For him, rereading Plato's philosophy was of paramount importance and, at the same time, a path enabling

* Artigo recebido em 10/12/2019 e aprovado para publicação em 19/09/2020.

** Doutor. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciências da Saúde. Programa de Pós-graduação em Bioética.

*** Pós-doutor. Professor Associado da Universidade de Brasília. Docente permanente dos Cursos de Doutorado em Metafísica e em Bioética.

the affirmation of the Being and its manifestation in the sensitive and intelligible world; the Being, that is Idea, absolute intelligibility (*to noeton*), expressed in the *logos* that develops in a logical-ontological dialectic. To recall metaphysics by restoring to philosophy its role of *giving reason* can redeem the *esse* through the perspective of an ontological dynamism reoriented towards the Absolute of the being. Thus, Plato's ontological *noeton* develops in the very affirmation of Being that is. This allows for directly constructing a response to the attempt of science to counter metaphysical questions by using scientific methods, which ultimately lead to the emergence of nihilism, and the negation of metaphysics. To achieve this goal, the present work focuses on Lima Vaz's main works on Platonic thinking. It carefully reviews the expressions and definitions used. The analysis not only allowed the demonstration and recognition of Platonic metaphysics, but also, more importantly, the expression of his search: an ontology of being related to the intelligible.

Keywords: Plato. *Noeton*. *Noesis*. Ontology.

Introdução

Como um grande platonista, ainda pouco conhecido na realidade acadêmica, apesar de sua grandiosa obra filosófica, Henrique Cláudio de Lima Vaz “destaca-se no cenário filosófico nacional pela originalidade, rigor especulativo e abrangência”¹. Ao longo de suas obras, Lima Vaz demonstra o amplo domínio da história da filosofia, com riqueza de detalhes e familiaridade às posições sistemáticas das bibliografias utilizadas em seus textos. Tal capacidade alia-se ao profundo “conhecimento da metafísica grega, aliada ao estudo dos autores cristãos, deu a seu pensamento a densidade necessária para enfrentar o criticismo moderno”². Dessa forma, ele se converte numa referência primordial para a recolocação da metafísica no século XXI.

A propositura de uma análise detalhada acerca do pensamento platônico no tempo presente vai além de um ideal puramente filosófico. Trata-se, em verdade, de uma retomada dos eventos intelectuais do Ocidente, que têm origem no nascimento da razão grega, com vistas a promover a compreensão da realidade cultural – simbólica, portanto – e da natureza do ser humano. Assim como no contexto jônico do século VI a.C., há questionamentos acerca de todas as áreas diretamente ligadas à cultura e à natureza humana, permanecendo essas dimensões como as primeiras e fundamentais para o entendimento da vida e do humano. No itinerário interpelativo, Moral,

¹ MAC DOWELL, João A. A. História e transcendência no pensamento de Henrique Vaz. In: *Diálogos com a cultura contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 170.

² SANTOS, José Henrique. Padre Vaz: filósofo de um mundo em busca de sentido. *Boletim Informativo da UFMG*, p. 1, 2002.

Ética, Religião, Cultura, Política, História, entre outras, são continuamente convocadas a se fundamentarem para a existência no tempo presente, sendo delas exigida uma prática a qual não possuem. Somente a filosofia é capaz de responder aos questionamentos, possibilitando a sobrevida do humano. É exatamente essa necessária busca pela razão que tem tomado boa parte das pesquisas filosóficas da contemporaneidade; e em tal condição reside a divergência que se pretende abrir com este trabalho.

A divergência aqui apresentada se dá pelo *modus operandi* adotado pela própria filosofia a partir da virada cartesiana, com o consequente abandono da metafísica – como se verá adiante. De forma direta, trata-se da substituição do *esse* absoluto pelo absoluto do devir histórico, construído a partir do existir, com vistas a explicar a existência do humano. Fato é que a existência não é redutível aos simples procedimentos operacionais da razão cartesiana. Esse movimento de incapacidade racional da razão cartesiana promove o irracionalismo incontável que se tem assistido no tempo presente³. É nesse advento da “ignorância” (*amathía*), de reiteradas crises culturais, obscurecida pelas disposições fundadas na retórica e na erística⁴, que se insere a necessidade – urgente – de recolocar e repensar a metafísica do *esse* em sua transcendência objetiva⁵.

O movimento de recolocação da metafísica no tempo presente supõe, por primeiro, voltar as reflexões para o momento no qual a razão passou a ser parte primordial da análise cultural e, ao mesmo tempo, necessário caminho para a explicação do ser. Tais aspetos – o questionar e dar razão – se apresentam como aspectos próprios do que o Ocidente convencionou chamar de filosofia. Filosofia que apresenta como movimento que lhe é próprio, a crítica aos dispositivos construídos pela *doxa*, em vista de retomar o caminho da *alétheia*. Ela busca o conhecimento demonstrativo (*lógos apodeitikós*) na totalidade do ser, enquanto princípio (*arché*) e ordem (*kósmos*); propõe uma sabedoria nascida no seio da natureza humana, como uma *theoría* do ser e da verdade⁶. Coloca-se, assim, a disposição da dialética da filosofia com a cultura.

Ao se buscar as primeiras questões com as quais a filosofia se deparou, e que, logicamente, explicam e demonstram o seu próprio histórico, deparar-se-á com a *aporia* fundante do uno e do múltiplo. É nessa dialética – por conta da necessária relação com a realidade – da busca pela gênese do

³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a.

⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 20.

⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 103.

⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 9.

múltiplo no uno e pela demonstração do uno em si e sua origem, que se encontra o filosofar sobre a filosofia; a busca de uma significação própria em si mesma⁷. Aqui se assenta a origem da filosofia: na questão em torno do ser e dos seres. Ela se apresenta, dessa forma, por força de sua gênese, como metafísica da cultura. Admitida tal compreensão, o mundo da cultura, submetido ao questionamento filosófico, acaba por seguir o caminho transformador da “conversão” (*epistrophé*); da conversão à Ideia. Daqui nascem as concepções próprias apresentadas ao longo dos seus vinte e seis séculos de existência, por inúmeros filósofos em suas obras⁸.

A necessária intenção de recolocar o mundo da cultura pelo *lógos* filosófico, tem seu início com as obras de Platão. É ele que, a partir da “segunda navegação”, estabelece a possibilidade única de considerar o inteligível (*noetón*), presente no discurso do humano, como base fundamental do “dar razão” (*lógon didonai*), afastando os dilemas do sensível (*aisthetón*) e da opinião (*doxa*)⁹. Somente por meio da organização do mundo inteligível é que se torna possível a ordenação do mundo sensível, numa dialética da Ideia, através da análise do *lógos* do inteligível, com vistas a encontrar a justa medida (*métron*) para a desordem do mundo humano. Cumpre observar que a filosofia platônica surge num momento de necessidade histórica, a partir da crise de Atenas no século V. Junte-se a isso o necessário enfrentamento das aporias dos sofistas, que acabavam por contrapor a *paideia* lançando-a no mundo da retórica e da opinião. O exercício platônico, dessa forma, propõe a primazia da contemplação a partir da história e da natureza da alma, no âmbito do ser perfeitamente real (*óntos on*). Platão “foi, sem dúvida, o primeiro a propor uma¹⁰ reflexão rigorosa sobre a natureza da filosofia e a traçar o perfil correspondente do filósofo, nele compreendendo as razões da sua situação singular e paradoxal no mundo dos homens”. Exatamente por isso, cabe a Platão a tarefa de recolocar a metafísica na contemporaneidade, reorientando o tempo presente.

Evidentemente, a retomada das obras platônicas para o resgate da metafísica exigiria um espaço maior do que aqui proposto. Entretanto, tal feito pode ser alcançado tomando-se as obras de alguns estudiosos das obras de Platão, com vistas a empreender a tarefa de resgatar a metafísica da cultura. Não seria difícil elencar nomes e obras de Wilamowitz-Moellendorf, Budé, Léon Robin, Stefanini, Festugière, Reale, entre outros. Entretanto, para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela análise desenvolvida por Lima Vaz.

⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 12.

⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 15.

⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 18.

¹⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 19.

A apresentação de uma cronologia filosófica das obras de Lima Vaz, a princípio, não se perfaz de uma tarefa simples. São inúmeros textos, alguns reunidos em seus livros, que apontam sua visão filosófica, social, histórica e política. Entretanto, o ponto de partida para tal é compreender a biografia de Lima Vaz, pois sua produção está diretamente arraigada à sua história de vida. Não há como se compreender as obras vazianas sem revisitar, permanente, a sua cronologia formativa. Exatamente por tal feito é que se optou neste trabalho por uma breve apresentação de seu pensamento que, em verdade, traduz-se como uma fundamentação de suas ideias.

Como um verdadeiro filósofo, Lima Vaz se preocupa com seu tempo e seu contexto histórico. Ao longo de toda sua formação, a influência do meio em que vive, ou das realidades sociais encontradas, como o caso da Segunda Guerra, sempre estiveram presentes em suas colocações epistemológicas. Todo seu trabalho é, como afirma o próprio Lima Vaz sobre Hegel, um esforço para “[...] captar o próprio tempo no conceito”¹¹. Essa colocação apresenta, mesmo que de forma indireta, o modo como Lima Vaz compreende a filosofia. Realidade que sempre se fez presente, e não somente a partir do momento que ele se torna professor, como defende Cláudia Maria Rocha de Oliveira. Mesmo enquanto aluno em Roma, em princípios de 1946, ele observa que “[...] dos escombros de uma Europa destruída, enquanto máquinas gigantescas removiam entulhos e reedificavam cidades, uma intensa vida de pensamento renascia e se expandia”¹². A filosofia, portanto, é, para ele, “[...] a consciência ou o *espírito* do mundo histórico, sobretudo da sua utilidade profunda, e vem a ser, portanto, o princípio animador, a *enteléquia*, para dizê-lo com Aristóteles”¹³.

A filosofia de Lima Vaz é um pensar e repensar não só o tempo presente, mas rememorar o passado e “[...] reinventar os problemas que lhe deram origem e, assim, cumprir o destino que [...] está inscrito na sua própria essência”: modalizar o tempo. É dever da filosofia, portanto, “[...] reconduzir o disperso mundo dos homens à sua unidade e ao ser verdadeiro”¹⁴.

A vida da Filosofia é, pois, a vida da nossa Razão interrogante formulando dentro do espaço do seu operar racional as perguntas essenciais e aí construindo a resposta, mas fazendo, ao mesmo tempo, a decisiva experiência intelectual de que a resposta está sempre prenhe de uma nova pergunta e de que, portanto, a inquietação sem fim recomeça¹⁵.

¹¹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e vida da filosofia. *Pensar*, v. 2, n. 1, p. 8-23, 2011b, p. 8.

¹² OLIVEIRA, Cláudia Maria. *Metafísica e Ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013. P. 102.

¹³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a, p. 54.

¹⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e vida da filosofia. *Pensar*, v. 2, n. 1, p. 8-23, 2011b, p. 10.

¹⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Morte e vida da filosofia. *Pensar*, v. 2, n. 1, p. 8-23, 2011b, p. 11.

A estrutura questionadora dos textos de Lima Vaz sempre traz à tona sua leitura comprometida com esta Razão interrogante. Todos os textos são permeados de perguntas orientadoras que obedecem à estrutura epistemológica da lógica tomista, retratando o peso formativo da escolástica inicial, e se aprofundando pela dialética hegeliana, redefinida pelas linhas platônicas. Em linhas gerais, a base teórica é tomástica e a metodologia aplicada segue os caminhos da dialética platônica-hegeliana, num movimento permanente pelo recolocar da metafísica no tempo presente. Uma metafísica do ser.

Assim, serão utilizadas as principais obras de Lima Vaz, no que tangem ao desenvolvimento da razão, em suas considerações metafísico-ontológicas. Assim, tem-se: *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*; *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e história*; *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*; *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*; e *Método e Dialética*, artigo publicado no livro *Filosofia e Método*¹⁶. O objetivo primeiro dessa análise – uma vez que não será possível esgotar a discussão no presente artigo – é a demonstração de como Lima Vaz compreende a filosofia platônica, principalmente no que tange ao desenvolvimento da *noésis*, “verdade que transluz na perfeição contemplada do Ser”¹⁷, a partir de uma concepção ontológica que lhe dá sentido, alçando a “Ideia como absoluto de inteligibilidade (*to noeton*)”¹⁸. Movimento esse que demonstra, assim, uma reinvenção dos métodos platônicos promovida por Lima Vaz.

Da existência ao existir

O trabalho filosófico de Lima Vaz é extremamente complexo – aqui entendido como amplitude e multiplicidade de objetos reflexivos – e profundo; suas análises são voltadas para a compreensão de seu tempo e de sua história, tendo como pano de fundo recolocar a filosofia (e a metafísica) na contemporaneidade, como as únicas capazes de compreender a realidade e a explicar, assim como quisera Hegel – um dos influenciadores do pensamento de Lima Vaz¹⁹. Nesse contexto, a retomada das obras de

¹⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Método e Dialética*. In: *Filosofia e Método*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2002b, p. 9–17.

¹⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 117.

¹⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 120.

¹⁹ “Hegel foi, sem dúvida, o último grande filósofo cuja a obra manifesta a ambição de traduzir no conceito o longo trabalho do Espírito no tempo – as vicissitudes da história humana como desdobrar-se de uma dialética da cultura. As complexas transformações da história europeia nos tempos hegelianos, numa hora de dramática transição para um novo mundo, devem ser levadas em conta como um pressuposto essencial na gênese e desenvolvimento do pensamento hegeliano” (VAZ, 2011, p. 46).

Platão e, posteriormente, de Hegel – compreendidos como o início e o fim da aventura filosófica ocidental por Lima Vaz²⁰ – serão a chave para a compreensão daquilo que Lima Vaz convencionou chamar de *crise da modernidade*²¹. Crise que não se inicia no contexto moral, ou ético, mas sim, na dimensão racional e na perda da capacidade de compreensão do tempo presente, o que leva a um contexto de niilismo amplo²². O esforço de Lima Vaz, portanto, desenvolve-se no sentido de contrapor a prática niilista do século XX/XXI.

O ponto de partida de Lima Vaz para alçar os objetivos pretendidos encontra-se na recolocação da metafísica no tempo presente. Tal feito significa, de maneira direta, que será necessário retomar o ato da razão como consciência da existência e, dessa forma, do tempo e da história numa metafísica da cultura e do *esse*. O contexto da metafísica da cultura, ação propriamente filosófica, ou mesmo a filosofia em si, como visto, acaba por levar, por primeiro, ao contexto da metafísica do *esse*. Entretanto, em Lima Vaz, o caminho – *métodos*²³ – se desdobra em dois momentos específicos: o *Esse* absoluto e os *entes* relativos. Para tanto, a metodologia adotada segue, por primeiro, a *via compositionis* para, ao final do percurso, adotar a *via resolutionis*, cumprindo com uma necessária e fundamental estrutura dialética da Ideia.

Como dialética, essa totalidade realiza, a nosso ver, de maneira pragmática, a natureza do *sistema aberto*, já que seu termo é o reconhecimento de um hiato metafísico infinito, intransponível pelo discurso, que, ao mesmo tempo, separa a esfera dos *entes* relativos das esfera do *Esse* absoluto, e com ela a articula pela via da causalidade²⁴.

A partir dessa compreensão, Lima Vaz estabelece que o roteiro epistemológico a ser seguido passa, por primeiro, pelo caminho *noético-metafísico*. Aqui, a partir da intuição simples e profunda da inteligência (*noésis* – intuição – noético), encontra-se a manifestação da inteligibilidade do *esse* como perfeição (*enérgeia*)²⁵. Assim, no ato de existir (*esse*) encontra-se o princípio da inteligibilidade de tudo daquilo que *é* ou existe; “essa inteligibilidade radical, não tendo nada que a preceda ou condicione, é afirmada

²⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 16.

²¹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 11-30.

²² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p.14.

²³ “Na filosofia antiga, *métodos* (literalmente, caminho) era um roteiro de inquirição ou busca (*zétesis*) a orientar a atividade intelectual com vistas à solução de uma dificuldade (*aporia*) que se apresentava na reflexão ou, mais geralmente, no diálogo” (VAZ, 2011b, p. 10).

²⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 95.

²⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012b, p. 95-96.

inicialmente como infinita e absoluta. Sendo o primeiro inteligível (*proton noetón*), o esse não poderá ser limitado ou relativizado extrinsecamente”²⁶. Tal condição evidencia, por consequência, que o *Esse* absoluto, presente na inteligibilidade do *esse*, assim como os *entes*, são distintos pela intuição inicial. Cumpre observar que os “*entes* finitos e relativos, porém, só são pensáveis a partir do *Esse* infinito e absoluto que permanecesse imutável na sua plenitude inteligível”²⁷.

A colocação da inteligibilidade do *esse* atravessou os séculos, alcançou o século XXI e se converteu no grande problema da era pós-cartesiana. A busca pela resolução do problema da Razão e da Existência serão grandes entraves para o modelo racional adotado pela ciência cartesiana. Curiosamente, as mesmas aporias encontradas na antiguidade grega permanecem como desafios a serem superados pela filosofia do tempo presente. Entretanto, o novo modelo racional – que nega os modelos filosóficos da tradição cristã – propõe uma submissão do destino aos desígnios humanos, interpretando a natureza, dominando-a e transformando-a. Isso faz com que a filosofia moderna passe a se deparar com uma questão fundamental: “que forma de inteligibilidade se deve pressupor ou pré-compreender no *existir* como tal, no simples ato de ser?”²⁸.

O modo escolhido pela razão moderna para compor a resposta a essa *aporia*, ressalva Lima Vaz, afasta-se completamente do caminho adotado pela filosofia antiga. Primeiro pelo fato de que o projeto da razão cartesiana tem um viés histórico que se justifica a si mesmo, que coloca “a razão de ser no próprio devir imanente da história”²⁹, abandonando o ideal e os paradigmas da “vida na razão” (*bíos theoretikós*)³⁰.

Trata-se de um projeto que tem por objeto a construção de uma *absoluto* no interior do próprio devir histórico. É permitido afirmar, por conseguinte, que o desafio especulativo do pensar um *absoluto* que se exterioriza no movimento mesmo que o constitui é, verdadeiramente, o problema matricial, o problema-fonte de todos os grandes problemas da filosofia moderna³¹.

A busca por solucionar o problema do pensar o *ser* como *absoluto* não é nova. Lima Vaz faz questão de demonstrar que o primeiro a apresentar interesse por solucionar a *aporia* foi Parmênides; ele foi o precursor da ontologia como ciência do *ser*³², apesar de sua limitação pela tautologia

²⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012b, p. 96.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012b, p. 98.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012b, p. 99.

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibidem*.

do princípio da identidade. O segundo motivo pelo qual a filosofia moderna se afasta da proposta antiga é na limitação encontrada, pela razão cartesiana, em responder a indagação anterior, abandonando a metafísica, criando uma espécie de era pós-metafísica. O grande problema é que a razão moderna é uma razão científico-operacional; uma

Razão intrinsecamente ligada ao agir e ao fazer humanos. Ela observa, estabelece normas, formula hipóteses, enuncia teorias, verifica leis, propõe modelos, simula situações, mede e calcula, rege a produção de objetos. Pressupõe, portanto, o *estar-no-mundo* do sujeito racional, o seu simples *existir* enquanto *dado* a si mesmo, em meio às coisas que igualmente lhe são *dadas*³³.

O que se observa, porém, é que a situação que Lima Vaz denomina como *ôntico-primária* permanece impensada pela razão moderna. Isso pelo fato de que “a intuição do *Esse* é ato de uma razão que se mostra assim capaz de elevar-se à *teoria* desinteressada do Ser (*capax entis*)”³⁴. O movimento feito pela razão moderna leva, em suma, ao abandono da existência pela mera condição existencial objetificada, onde o *ser* acaba reduzido à explicação pelos *entes* relativos, simplesmente *dados*. Dessa forma, a condição fundamental, ou o problema, da inteligibilidade do *esse*, permanece insolúvel no ideário contemporâneo, graças à separação da Razão e Existência; pois, a “*existência*, no seu simples ato de *existir*, é irreduzível aos procedimentos operacionais da razão”³⁵. É exatamente por tal feito que Lima Vaz propõe o repensar da metafísica do *esse*, como uma metafísica da cultura, do tempo e da história.

O Noeton ontológico de Platão

Lima Vaz considera que Platão foi o fundador da Metafísica ocidental, em sua expressão sistemática através de uma teoria dos Princípios³⁶. E foram justamente as tentativas de recuperação dessa teoria dos Princípios – ou metafísica dos Princípios – que marcaram as releituras do pensamento platônico ao longo dos séculos³⁷. Entretanto, Lima Vaz observa que a construção e a busca de Platão por uma Filosofia, passam pela constituição de uma ciência absoluta. Assim, a obra de Platão pode ser compreendida

³³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012b, p. 101.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012b, p. 102.

³⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 108.

³⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 108.

como um “esforço positivo para a determinação da forma própria ou estrutura lógica de uma ciência humana das Ideias, ou seja, de uma ciência do inteligível puro”³⁸. Porém, o “*experimentum crucis* da ciência platônica, como ciência das Ideias, compreende três aspectos: a relação das Ideias e do sensível, a relação das Ideias entre si, a relação das Ideias e da Alma”. Dessa forma, o conjunto da obra de Platão “ousa elevar-se ao absoluto da inteligibilidade, ao *neoton*”³⁹; à Ideia pura como absoluto da inteligibilidade. São essas Ideias únicas causas inteligíveis e reais da ciência dos seres; de uma ciência que coloca o ser como inteligível puro.

Admitida essa consideração inicial acerca do pensamento de Platão, faz-se necessário observar que há, como bem ressalta Lima Vaz, um problema que dela deriva: tem-se em Platão um idealismo ou um realismo? Para Lima Vaz, a doutrina platônica oscila entre os dois extremos, tocando-se em algum momento, sendo arrastada por diversas escolas de pensamento, segundo suas necessidades e interesses. Dessa forma, o objetivo de Lima Vaz, em suas obras, é apresentar um modelo ontológico para a doutrina platônica, e encontrar um meio para significar o idealismo de Platão, evitando tanto o realismo acrítico e ingênuo, quanto o idealismo absoluto ou delirante⁴⁰. Assim, como o próprio Platão o faz, “nenhum realismo verdadeiro é possível se não admitirmos a primazia da Ideia”⁴¹.

Chamemos assim, se o quisermos, esse realismo de “idealismo”, mas com a ressalva de que a Ideia é o real mais real, o *ens realissimum*, pois somente na Ideia alguma coisa tem realidade efetiva. E como poderia ser real fora da Ideia, se fora da Ideia não restaria senão a desrazão, o sem-sentido, numa palavra, o absurdo? Trata-se, portanto, de definir a natureza da Ideia e sua transcendência sobre a nossa mente contingente e mutável e sobre o fluxo do sensível⁴².

Essa consideração evidencia o fato de o caminho pelo mundo ideal, através do meio ontológico, transcende a ideia e fundamenta o realismo ao mesmo tempo que fundamenta a natureza da Ideia. Tal natureza, demarca Lima Vaz, depende da reta compreensão do nexos existencial entre intuição e discurso, que se convertem em ponto importante da doutrina platônica das ideias. Para Lima Vaz há uma estreita relação de equilíbrio entre as duas condições, ao passo de que é a partir desse mesmo equilíbrio que se pode falar em um *intelectualismo* platônico original⁴³. Esse *intelectualis-*

³⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 14.

³⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 75.

⁴⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 70.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 71.

mo que “emerge nitidamente nos diálogos socráticos e nos diálogos da maturidade, firma-se e se expande na construção rigorosa da teoria das Ideias e na organização do mundo ideal em torno da Ideia do Bem como inteligível supremo”⁴⁴. O modelo do diálogo platônico – evitando assim qualquer relação com uma *skepsis* em movimento perpétuo – apresenta um “gênero literário definido e um propósito metodológico”⁴⁵.

Como gênero literário obedece a preceitos e regras hoje perfeitamente conhecidas ainda que, no caso, transfundidas numa criação literária de incomparável originalidade pelo gênio Platão. Como instrumento de método, corresponde à própria natureza da ciência platônica que é, como se verá em seguida, uma ciência que procede por implicações ascendentes até atingir uma *essência* – uma Ideia – uma e unificante e que, partindo da mesma *epagoge* socrática, avança por um caminho diferente daquele que será seguido mais tarde pela noética aristotélica com sua teoria da *abstração*⁴⁶.

Exatamente por tal motivo que a ciência platônica não pode se converter, ou ser entendida, como um mero conjunto de fórmulas, ou mesmo uma metafísica de mera dedução. Pelo contrário, a ciência platônica é, por força de sua essência, construtiva; uma ciência composta de teses, apoiada numa teoria do conhecimento própria e específica. É exatamente a busca pelo conhecimento que desvela a essência verdadeira da alma, a partir do encontro com o objeto verdadeiro dessa atividade. O movimento relevante nesse processo é alcançado quando Platão, a partir do discurso de Sócrates no *Fédon* (63 E-69 D), aponta “o plano da ciência (*episteme*) ao mostrar a necessária inerência da imortalidade na essência da alma, implicada na participação desta à ideia da vida”⁴⁷. Dessa forma, observa Lima Vaz, que

O *auto* ou idêntico, que exprime a perfeição na sua unidade absoluta, na sua consciência inteligível, é igualmente o fundamento da atribuição a essa mesma perfeição do predicado da realidade (*ousia*) ou da pura existência na sua oposição ao ser e não-ser do sensível. E é como discurso (*dianoia*) sobre o inteligível que a alma, por sua vez, revela a sua essência pura (VAZ, 2011a, p. 77).

Esse necessário isoformismo entre a alma e o inteligível configura, para Lima Vaz, como fato noético primitivo que fundamenta, e possibilita, a teoria das Ideias. O inteligível, por sua vez, surge “ao termo da análise do processo do aprender como objeto necessariamente existente de uma ciência necessária que preexiste às vicissitudes da sua rememoração ou

⁴⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 71.

⁴⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 72.

⁴⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 72-73.

⁴⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 76-77.

reaparição na alma por meio da *anamnesis*”⁴⁸. Com isso, Platão consegue afirmar que as Ideias são verdadeiramente existentes. É essa mesma existência demarcada pela alma no objeto que permite o conhecimento verdadeiro; “absoluto de inteligibilidade como absoluto de existência, ou das Ideias como real idêntico a si mesmo e fundamento de toda realidade que é marcada com a *diferença* do vir-a-ser”⁴⁹.

Ao admitir que o objeto de sua ciência depende da dinâmica da conaturalidade da alma com o inteligível, Platão levanta o problema da corrupção das coisas sensíveis, às quais se associam a condição terrena da alma. Com vistas a superar tal *aporia*, Platão faz questão de observar, pela posição de Sócrates, que há uma fuga para o *logos*. Para ele, observa Lima Vaz, é somente pelo *logos*, nas Ideias, que se pode intuir a “verdade dos seres”⁵⁰. “Com efeito, é no *logos* que transluz a presença daqueles objetos que a alma encontra ao termo de cada esforço para elevar-se sobre o vir-a-ser do sensível: o belo em si mesmo, o bom, o grande e todas as demais perfeições”⁵¹. Assim, conclui Lima Vaz, “na ordem da inteligibilidade as Ideias, pois, reivindicam uma prioridade absoluta, que não pode deixar de ter, igualmente, um caráter ontológico”⁵². O *noeton* se apresenta, desse modo, como meio pelo qual se dá razão a si mesmo e aos objetos sensíveis, ao passo que tem nessa relação ontológica seu princípio, desvelado pelo *logos*.

Ao se assumir o caminho das Ideias como disposição para o real, ou como diz Lima Vaz, o *real realíssimo*, resta evidente que é impossível compor qualquer outro meio para assegurar a realidade aos objetos e, da mesma forma, ao ser. O dar razão – busca da realidade contemporânea – só é possível através da ordenação das Ideias para a explicação da realidade; metafísica do inteligível. Por esse aspecto, em especial, é que só há a possibilidade da compreensão do tempo presente pela filosofia das Ideias de Platão que, para Lima Vaz, ainda não foi ultrapassada por outra concepção no Ocidente⁵³. Assim, é possível demarcar que para “Platão, a realidade verdadeira só pode ser a realidade *conhecida* e o conhecimento verdadeiro é o conhecimento das Ideias. As Ideias são, pois, a realidade verdadeira, que transcende a oposição entre a forma abstrata ou representada e o sensível concreto”⁵⁴.

⁴⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 79.

⁴⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 80.

⁵⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 81.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 83.

⁵⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2011a, p. 84.

A busca por estabelecer um *noeton* ontológico de Platão, à luz do pensamento filosófico de Lima Vaz, faz com que alguns questionamentos advenham, como é próprio da filosofia. O ponto de partida, ou a *aporia* primeira, pode ser apresentada a partir da reprodução de uma colocação que o próprio Lima Vaz se faz acerca da ontologia: “há uma ciência do ser, ou ainda, há uma ciência do metaempírico, do absoluto?”⁵⁵. A resposta, a ser construída neste ponto do texto, pode ser resumida da seguinte forma: “iremos vê-la por sua vez surgir dentro de nós como se em nós o ser se revelasse a si mesmo”⁵⁶.

A conotação ontológica representada pelo fragmento citado anteriormente, leva a análise em pauta para o caminho traçado pela filosofia platônica, no que tange à busca de uma ontologia. Nesse sentido, o ponto fundamental é a obra o *Sofista*. Nela, sustenta Lima Vaz, encontra-se o primeiro momento objetivo da episteme de Platão, que surge a partir da *aporia* final do *Teeteto*

Se o ser é Ideia, o inteligível puro; se a Ideia se exprime no *logos*, na razão, como é possível uma ciência do ser quando este se fecha, de uma parte, no Uno absoluto de Parmênides, e o *logos* aparece, de outra, como múltiplo e, antes de tudo, dissociado no desdobramento da proposição, da *doxa* que é, como tal, relação de dois termos? Sem renunciar ao absoluto do inteligível, como legitimar o relativo da proposição?⁵⁷.

Em Platão, sustenta Lima Vaz, a solução para os enfrentamentos apontados caminha no sentido de compreender que a verdade é de caráter ontológico, que possibilita e sustenta uma equação padrão das obras platônicas: “Ser = Ideia = Verdade”⁵⁸. Dessa forma, “se há uma ciência do verdadeiro, ela será uma ciência do ser realíssimo, do *ontos on*: será uma ciência das ideias”⁵⁹. O que se evidencia aqui é o esforço de Platão em estabelecer a partir do ser, que é Ideia, uma pluralidade ordenada não-linear, que visa a unidade e a diversidade do ser pelo dinamismo do *logos*; pois, “quando o *logos* se desdobra, na proposição, ele é ainda a expressão da estrutura real do ser”⁶⁰. Isso evidencia o fato de que, para Platão, a unidade do ser não é uma unidade de identidade, mas sim de participação. “Se há juízo, há síntese; se há síntese, há diversidade; se há diversidade e síntese, há participação”⁶¹. Assim, é este ser em movimento, como uno em cada Ideia, desdobrado nas variadas relações do conhecer, que possibilita a geração

⁵⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 59

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 61.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 62.

⁶⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 63.

⁶¹ *Ibidem*.

de uma multiplicidade na unidade e garante, em contrapartida, a unidade da multiplicidade. É a concepção do ser como Ideia, como razão formal, que garante o alcance ontológico da filosofia platônica; metafísica do *esse*.

Considerações finais

Ao findar as análises platônicas de Lima Vaz – que não se limitam à essa produção textual, como já mencionado – faz-se necessário retomar as colocações que foram feitas no início das discussões. Por primeiro, a proposta que se pretendeu aqui foi a de demonstrar o entendimento de um filósofo brasileiro acerca do pensamento de Platão. Entretanto, o pano de fundo que se sustenta, em verdade, vai mais além. Lima Vaz não só apresenta uma leitura específica das ideias platônicas, como propõe o resgate da metafísica no tempo presente, como uma resposta direta ao que definiu como *crise da modernidade*. Contrapor o niilismo acachapante talvez seja, de maneira essencial, aquilo a que Lima Vaz objetiva. Numa condição onde a técnica substitui a prática, trocando a busca do ser pelos objetos.

Os efeitos da negação da metafísica e da razão absoluta, bem como a rejeição à filosofia como aquela a quem cabe interpretar a cultura e o tempo humano, transformam todo o sistema simbólico da sociedade, levando, inclusive, à perda da compreensão do tempo presente e à perda da capacidade de interpretação desse mesmo tempo. Como consequência, o domínio do tempo também se perde, colocando o humano num vácuo – existencial, moral, ético, político, religioso, temporal – onde tudo é insuficiente e anacrônico, devendo ser substituídos permanentemente, sob a desculpa da adaptação. O resultado crônico que daí se tem é a perda direta da consciência e da indagação, o que impede o encontro do sentido do ser e a busca da verdade. Assim, a razão moderna abre espaço no contexto histórico-cultural, apropriando-se do ser do humano, objetificando-o, assim como as suas ações. É nessa *crise da modernidade*, promovida pelo seu *enigma*, na perda da compreensão do tempo presente, que reside o eclodir do niilismo – ético e metafísico – tão criticado por Lima Vaz e prática recorrente da modernidade.

Essa fascinação pelo objeto técnico tem chamado a atenção pela capacidade com a qual promove o *esquecimento do ser*, e aberto as portas para o descrédito da metafísica⁶². Cumpre observar que não se trata aqui de condenar o avanço da ciência e da técnica, bem como seus benefícios e benesses. O que se propõe, de maneira direta, é uma análise acerca do impacto que tais mudanças promovem na vida do humano. Exatamente por isso que é preciso resgatar a metafísica como aquela que é capaz de rememorar o ser, “não apenas na sua manifestação imediata no domínio

⁶² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 282.

do *sensível*, mas na sua amplitude transcendental como *inteligível*, ou seja, na sua natureza do ser que é verdadeiramente (*ontos on*)”⁶³.

A metafísica de Platão, recolocada pela iniciativa filosófica de Lima Vaz, propõe que o espaço reflexivo não seja somente preenchido pela técnica e pela teoria da ciência operacional; mas sim, um reconhecimento do “dinamismo *ontológico* fundamental que orienta os seres para o Absoluto do ser ou o múltiplo para o Uno”⁶⁴. Assim, retomar o exercício de uma *memória metafísica* supõe encontrar o ser na densa nuvem dos postulados científicos, promovida pela razão cartesiana. É a promoção de uma “teoria do Ser”. O *Noeton* ontológico de Platão, proposto por Lima Vaz, quer, antes de tudo, estabelecer uma “reflexão e um discurso (*logos*) sobre o ser humano e o seu agir do ponto de vista de sua inteligibilidade radical, ou seja, a inteligibilidade que fundamenta sua afirmação como ser”⁶⁵. Propor a metafísica como ontologia significa, de maneira objetiva, buscar uma possibilidade, única, de pensar e enunciar o ser em sua condição inteligível. Ser esse que tem como fator inicial sua intuição (*noein*) como absoluto pensado.

Essa condição da metafísica platônica prepara o terreno para a rememoração da metafísica e do *esse* na contemporaneidade. O caminho a ser seguido, por força da visão abrangente da teoria de Platão, passa, obrigatoriamente, pela realidade. Isso significa que há a necessária leitura e interpretação da liberdade, trazendo à tona o problema da relação que se estabelece entre a metafísica e a ética. É movimento abrangente da *práxis* que busca os seus fundamentos na metafísica. Assim, a liberdade acabará determinada pela Ideia, promovendo a razão da liberdade, ao passo que constroi a liberdade da razão. É o absoluto da inteligibilidade, o *Noeton*, portanto, que possibilita a liberdade pela Ideia absoluta. Assunto a ser tratado num outro momento.

Endereço dos Autores:

Sávio Gonçalves dos Santos

Av. Dr. Odilon Fernandes, 205, Apto. 1501

38017-030 Uberaba – MG – Brasil

oivasavio@gmail.com

Gabriele Cornelli

Campus Universitário Darcy Ribeiro. ICC Ala Norte

70910-900 Brasília – DF – Brasil

cornelli@unb.br

⁶³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia VI: ontologia e história*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012a, p. 283.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Método e Dialética*. In: *Filosofia e Método*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2002b, p. 15.